

A condição de gênero como fator para o sofrimento psíquico em mulheres e a psicologia feminista

The gender condition as a factor for psychic suffering in women and the feminist psychology

DOI:10.34119/bjhrv5n3-056

Recebimento dos originais: 14/02/2022

Aceitação para publicação: 28/03/2022

Julio César Pinto de Souza

Mestrado

Instituição: Centro Universitário Fametro

Endereço: Av. Constantino Nery, 1937 - Chapada, Manaus - AM, CEP: 69050-000

E-mail: cmte01@yahoo.com.br

Ana Thayná de Matos Simplicio

Graduação

Instituição: Centro Universitário Fametro

Endereço: Av. Ayrão Travessa A, 15 - Presidente Vargas, Manaus - AM, CEP: 69025-005

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender a condição de gênero e como ela afeta a saúde mental da mulher e identificar a atuação da psicologia diante das relações de gênero e de apresentar a psicologia feminista. Para tanto foi estabelecido como objetivos específicos: a) Compreender de forma histórica e social da condição de gênero; b) identificar os fatores nessa condição de gênero que influenciam a saúde mental feminina; c) descrever a atribuição da psicologia em consideração as relações binárias de gênero apresentando a psicologia feminista. Utilizando da metodologia de pesquisa bibliográfica sistemática foi analisado através de leitura de produções sobre o tema. Por meio da análise e discussão foi possível observar que a condição de gênero na qual está inserida a mulher tem efeitos sobre sua saúde mental, tendo como consequência o sofrimento psíquico gerado pelas desigualdades enfrentadas pelas mulheres, e que a psicologia como ciência tem um papel importante para a desconstrução dessas desigualdades que geram sofrimento. Com a introdução dos estudos de gênero na psicologia, houve uma fusão de psicologia e feminismo nascendo a psicologia feminista que não se compreende neutra diante das desigualdades de gênero e realiza a análise do sujeito sociocultural e como esta afeta.

Palavra-chave: gênero, sofrimento psíquico, psicologia feminista, mulher.

ABSTRACT

This research had as a general objective to understand the gender condition and how it affects women's mental health and to identify the role of psychology before gender relations and to present feminist psychology. To do so it was established as specific objectives: a) To understand in a historical and social way the gender condition; b) to identify the factors in this gender condition that influence women's mental health; c) to describe the psychology attribution in consideration of the binary gender relations presenting the feminist psychology. Using the methodology of systematic bibliographic research was analyzed by reading productions on the

subject. Through the analysis and discussion it was possible to observe that the gender condition in which women are inserted has effects on their mental health, having as a consequence the psychic suffering generated by the inequalities faced by women, and that psychology as a science has an important role in the deconstruction of these inequalities that generate suffering. With the introduction of gender studies in psychology, there was a fusion of psychology and feminism, giving birth to feminist psychology, which does not understand itself as neutral in the face of gender inequalities, and carries out an analysis of the sociocultural subject and how this affects it.

Keywords: gender, psychological suffering, feminist psychology, women.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de gênero é definido pelo movimento feminista como um padrão binário em que constrói e define a forma de ser, perceber, comportar e interagir. Essa definição é limitada ao sexo e diferenças biológicas entre homens e mulheres e a partir disso é definindo o que é ser homem e mulher, qual seu papel social e valor (ZANELLO; SILVA, 2012).

O padrão que define gênero é uma relação de poder que define quem é superior e quem é inferior, e essa hierarquia pesa sobre as mulheres que são consideradas o inferior nessa relação. A construção histórica da sociedade ocidental, possui alicerces patriarcais muito fortes, o define que as mulheres tenham vivências e valores distintos dos homens, possuindo papéis sociais diferentes e ocupando um lugar de invisibilidade. Beauvoir (2016) declara que a mulher é o diferente, a mulher é um “homem incompleto” que está preso a estrutura do corpo que é sua forma de relacionar com o mundo sendo compreendido apenas pelas especificidades corporais. A autora ainda reitera que o feminino do ser humano não é por necessidade uma mulher, as especificidades corporais e suas relações e comportamentos são pautados através dessas, e essa opressão de ser o que o corpo carrega gera sofrimento.

Esse sofrimento afeta principalmente as mulheres, por estarem em um local de inferioridade nas relações de gênero. Gerando estigmas, preconceitos e violências contra as mulheres apenas por ser mulher, e esses estigmas podem aumentar quando além de mulheres essas são negras ou indígenas entrando estigmas de raças; ou pertencentes a sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queer, intersexuais e assexuais) os estigmas da sexualidade; quando são pobres ou moram em comunidades, são trabalhadoras entrando nos estigmas de classe. (TIBURI, 2018)

Com o propósito de compreender essas definições sociais e seus efeitos na subjetividade humana não se pode fixar a ciência em um padrão “neutro” que não existe, a realidade não é neutra nem imparcial, os marcadores sociais de diferença afetam a existência por completo de um indivíduo, sendo significativo para o desenvolvimento de sofrimento psíquico.

A condição de gênero a que as mulheres são impostas é de grande vulnerabilidade e o feminismo entrou na ciência fazendo com que esta assumisse o papel de desconstrução da opressão social sobre as mulheres. Na psicologia o encontro com o feminismo faz uma desconstrução do comportamento masculino e feminino naturalizados e construídos socialmente, compreendendo os papéis sociais de gênero e que estes são ensinados e não natos, que é ensinado desde a infância a performar gênero sendo homens e mulheres (PRENH; MÜNING, 2005).

Através das críticas originadas com a entrada do feminismo na psicologia surge a psicologia feminista que critica as práticas tradicionais formulando uma atuação profissional comprometida de forma política e social com a condição de gênero e enfrentando-a para proporcionar as mulheres a oportunidade de combater as opressões impostas a elas, se conhecendo e empoderando.

A justificativa para a elaboração deste trabalho está relacionada ao fato de a autora ter interesse na compreensão de como o estigma social de ser mulher afeta a existência individual, a construção social que estabelece o que é ser mulher definindo padrões sociais e individuais a serem desenvolvidos. Além de marcar e oprimir as mulheres na cultura ocidental mostrando um padrão de sofrimento psíquico decorrente dessa construção, que é relacionado apenas a individualidade quando na realidade é uma condição social da condição do gênero feminino. Com o intuito de trazer essa compreensão para a Psicologia formulando a urgência de pensar essa condição de gênero e seus efeitos na saúde mental de mulheres.

Este trabalho possui contribuições para a sociedade, academia e ciência. Essa pesquisa bibliográfica contribuirá com conhecimento sobre o assunto ao desenvolver conhecimento teórico sobre o tema que constantemente é esquecido durante a academia, refletindo sobre o sofrimento psíquico originado da condição de gênero e a contribuição da psicologia dentro dos estudos das estruturas de gênero. A relevância para a comunidade científica essa pesquisa contribuirá com informações que completam os resultados de pesquisas realizadas anteriormente sobre a definição de gênero, o efeito da condição de gênero sobre as mulheres, sofrimento psíquico e a psicologia feminista.

Após a leitura desse trabalho espera-se que os leitores compreendam a urgência desde tema que atravessa a vida de todos e tem grandes efeitos sobre a saúde mental e que reflitam sobre a condição de gênero, desconstruindo assim uma hierarquia de gênero que oprime e que gera sofrimento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A CONDIÇÃO DE GÊNERO

O conceito de gênero surge com o movimento feminista como uma categoria que descreve as interações sociais, diferente da definição anterior que se limitava apenas ao determinismo biológico implícito, reduzindo a análise do indivíduo às diferenças biológicas, do corpo, ou seja, as genitálias. A diferença entre sexo e gênero gerou as distinções de papéis sexuais e de gênero, o sexo não se refere apenas ao biológico ou a sexualidade, este refere-se aos corpos de mulheres e de homens como mediador para as estruturas de poder de gênero (FÁVERO; MARACCI, 2016).

Senkevics e Polidoro (2012) afirmam que não existe o reconhecimento que ateste que o determinismo biológico constrói uma essência feminina e masculina, o ser homem e o ser mulher é aprendido através da socialização dos papéis sexuais, sendo incorporados papéis pré-definidos em pela sociedade. Fernandes (2009) diz que o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada onde é depositado princípios e características das divisões sexuais.

Em uma sociedade marcada pelo binarismo em que o gênero é uma condição estruturante em que para torna-se pessoa é preciso torna-se mulher ou homem. O gênero faz parte da cultura e participa e configura os afetos, performances e características sociais que define quem deve ser e como ser quem é, como devem expressar as suas emoções (ZANELLO, 2018).

A ideiação de gênero é ideológica que constroem a feminilidade e a masculinidade como opostas, e essas diferenças são ditas como naturais, influenciam no comportamento e pensamentos dos indivíduos, afetam as relações sociais e criam estruturas poder social (NOGUEIRA, 1999).

A história da humanidade proporciona a construção do “estereótipo” feminino e masculino. Dentro da história humana é considerado concreto o que a divisão de tarefas e o papel as mulheres e homens ao longo da evolução tem relação direta com essa construção. As mulheres cuidando do lar e os homens do sustento e segurança desenvolveu estereótipos de capacidade e identidades que diferenciam e qualificam homens e mulheres na história que são observados até a atualidade. As imposições da sociedade determinam os comportamentos, atitudes e valores de mulheres e homens (CRUZ, 2009).

Butler (2018) aborda que o gênero é uma condição para organizar socialmente os sexos e não apenas uma interpretação cultural dos mesmos. O gênero não é apenas uma construção social definida pela diferença sexual, a diferença sexual é uma construção de gênero através das possibilidades culturais. Senkevics e Polidoro (2012) alegam que o gênero não produz as

diferenças fixas e naturais de ser homem e mulher, este formula os significados para as diferenças. O corpo incorpora a cultura, e é compreendido através do contexto histórico e socioculturais em que este corpo está inserido.

Zanello, Fiuza e Costa (2015) declaram que a experiência de gênero é alterada conforme os valores culturais presentes na sociedade que o sujeito vive. Eles atuam como uma interpretação para os indivíduos e quando o assunto é sofrimento psíquico a performance de gênero não deixa de ser relevante esta também é fundamental para compreender o sofrimento psíquico pois é relevante para sua construção.

Para as mulheres foi necessário avançar várias épocas para que emergisse a obrigatoriedade de se escrever a história das mulheres e tentar compreender sua passagem pelo mundo. A imagem associada à mulher ao longo da história é de inferior ao homem sempre, colocando como suas funções o cuidado, o amor e ser bonita (CRUZ, 2009). Dentro de uma cultura com alicerces patriarcais os valores e ideais que categoriza o ser mulher e ser homem são diferentes. As categorias valorizadas nas mulheres percorrem três eixos o da renúncia sexual, características de cuidado e renúncia e beleza estética. (ZANELLO; FIUZA; COSTA, 2015).

Homem e mulher são antes de tudo uma categoria política em que é necessária uma mudança social para desconstruir as desigualdades das estruturas de gênero (SENKEVICS; POLIDORO 2012).

2.2 SER MULHER

Santos et al., (2016) define o gênero normalmente tem sido compreendido como produto de representação, espaços, características psicológicas e comportamentais e até as expectativas que são determinadas para homens e mulheres de formas diferentes mediante da condição e diferença biológica.

Senkevics e Polidoro (2012), Essa caracterização de gênero está presente em diversos aspectos do desenvolvimento humano, desde a infância fazem parte das brincadeiras, são ensinadas e constroem assim os comportamentos que definidos para ser homem e mulher. Segundo Rohden et al., (2009), gênero significa que mulheres e homens são produtos da realidade social que estão inseridos e não algo natural através das diferenças corporais.

A construção da imagem feminina a partir da natureza e das suas leis implica em qualificar a mulher como naturalmente frágil, bonita, sedutora, submissa, doce, etc. Aquelas que revelassem atributo opostos seriam consideradas seres antinaturais. No organismo da mulher, em sua fisiologia específica, estariam inscritas as predisposições ao adoecimento mental (ZANELLO, 2018, p. 21-22).

Essa visão construía a ideia de que a natureza determinava uma ordem de sexos que coloca a mulher em um lugar inferior ao homem, esse lugar é fundamentado pela ciência e a sociedade deve respeitá-lo em todos as esferas sociais. Ao pensar em gênero, em mulheres e homens é necessário compreender essas categorias como mutáveis, não só apenas no binarismo, mas também está subjetivada e interiorizada em cada indivíduo (SENKEVICS; POLIDORO, 2012).

Os valores e estereótipos que existem no binarismo não são questionados são apenas vividos de forma intuitiva, estes participam ativamente no desenvolvimento de sofrimento psíquico, esses afetos e comportamentos podem ser percebidos como sintomas (ZANELLO, 2019).

Alves (2017) colabora afirmando que nascer mulher dentro de uma cultura patriarcal é viver o primeiro nível de opressão, a condição de vida das mulheres por mas que tenha passado por mudanças ao longo da história como a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a conquista de direitos contra a cultura de domínio e controle, ainda existem muitas desigualdades na experiência de ser mulher, esse nível de opressão pode aumentar devido a soma das demais marcas sociais pois essa cultura opressiva continua firme perpetuando essas desigualdades. O patriarcado é uma estrutura de poder político disfarçado de diferença natural, diferenciando homens e mulheres naturalizando características que definem socialmente quem é homem e quem é mulher (ZANELLO, 2018).

Narvaz e Koller (2006) descrevem que a opressão sofrida pelas mulheres é naturalizada pelo sistema patriarcal que estrutura a sociedade, esse sistema perpetua a desigualdade entre homens e mulheres dando origem a diversas violências de gênero através da opressão e dominação sobre as mulheres. Ser mulher significa ser alguém que não pode ser quem é, ou quem deseja ser, é ser educada para servir aos homens. Esse é o dever da mulher servir sem esperar nada em troca, é ser invisível, é ser objetificação e destinada a procriação feita para o alívio do outro. Essa é a verdade natural que o patriarcado impõe a mulher (TIBURI, 2018)

Segundo Tiburi (2018), ser mulher é uma marcação que traz discriminação, exclusão acarretando em sofrimento, essa marcação vem de todo um contexto histórico em que as mulheres são inferiores e sem voz. E foi através do feminismo que essa posição feminina foi questionada e percebendo a opressão que é marca do gênero.

Beauvoir (2016), afirma que não foi encontrado nenhum fundamento psicológico ou biológico que define o ser fêmea, a definição de gênero é criada na sociedade, são padrões da civilização.

Para Garcia (2011), a história das mulheres foi construída pela militância feminista que buscava integra a realidade da vida das mulheres para a ciência. Foi e ainda é urgente retirar o sexo feminino da exclusão, do esquecimento e do privado. Apesar das mulheres serem vítimas de desigualdades e injustiças essas nunca deixaram de incorporar a história, estiveram presentes e participaram das lutas e revoluções ao longo da história, lutas de independência, abolicionistas e trabalhistas. E dentro dessas lutas formularam sua própria luta o feminismo.

Segundo Gomes (2011), é através da apropriação do feminismo no contexto acadêmico a discutir gênero tem ligações diretas com o discurso das relações de poder com o foco nas opressões, violência e invisibilidade das mulheres na sociedade, formulando formas de enfrentamento das desigualdades e de emancipação.

Zanello, Fiuza e Costa (2015) complementam que para os estudantes de gênero é necessário compreender as mulheres, assim no plural, a ideia de gênero é substituída pelas possibilidades e diversidades de marcadores como raça, etnia, classe social, condição, localidade e sexualidade.

2.3 SAÚDE MENTAL FEMININA

Como declarado por Zanello (2018), o gênero é um significativo determinante social que deve ser considerado na análise e compreensão da saúde mental. A vivência individual é atravessada pela condição de gênero e a saúde mental é afetada por esta, a própria experiência de um transtorno mental é vivenciada de forma diferente para homens e mulheres. A autora ainda aborda que o homem era relacionado e identificado com a racionalidade a mulher era relacionada e identificada com uma figura insana, colocando a loucura em uma dupla polaridade, uma como erros das mulheres mas também visto como parte da essência feminina, a loucura quando experimentada por homens é representada de forma simbólica como feminina (ZANELLO; 2018).

A Ciência por muito tempo perpetuou essa divisão na compreensão da saúde mental e a medicina é exemplo de como a ciência por muito tempo colaborou com a construção e cristalização das estruturas de gênero, confirmando um padrão de comportamento gerado baseado nas diferenças corporais. A ciência afirmava que a natureza já havia dividido os corpos e os diferenciados agora o que restava era seguir (FERNANDES, 2009)

O sistema de atenção à saúde mental muitas vezes acaba por reforçar os papéis sociais de gênero e estigmatizar as condutas que vão contra o modelo patriarcal, o que torna as questões de gênero presentes no adoecimento psíquico invisíveis. Zanello, Fiuza e Costa (2015) ao refletirem sobre o uso de um pressuposto epistemológico feminista aponta mudanças no campo da saúde mental, mudanças no acolhimento e nas estratégias de intervenção e tratamento.

A falta da compreensão dos estudos de gênero por profissionais de saúde colabora para que os serviços de saúde mental façam uma intervenção universal e indiferente a todos, não considerando fatores que como já vimos são significativos para a saúde mental e o gênero é um desses fatores. A vivência feminina é diferente da masculina por tanto o sofrimento psíquico em mulheres será diferente que em homens (ALVES, 2017).

Alves (2017) aborda que a elaboração de uma nova forma de construir ciência que compreende a saúde mental das mulheres, observa a condição das mulheres como de uma existência opressiva, e que essa opressão que faz parte do cotidiano constrói formas de adoecimento específicas para mulheres. Conforme Zanello (2018) ao longo da história o sofrimento mental e a loucura foram objetificações na falta de razão, com a voz das mulheres silenciadas sem a capacidade de falar sobre si, a história psiquiátrica é composta de discursos de psiquiatras homens sobre a loucas mulheres, a abundância de exemplos femininos para casos psiquiátricos não é um acaso. A mesma autora comenta que o manicômio, como casa do desespero, deve ser entendido como símbolo de todas as instituições criadas pelos homens, do casamento à lei, que confinaram e confinam as mulheres, e as deixam loucas (p. 20).

Entre as patologias que atravessa a vivência feminina está a depressão que é apontada como uma condição da existência feminina, pois esta é marcada pelo silenciamento e a impossibilidade de expressa-se, implodido e gerando sofrimento psíquico relacionado a condição de gênero (ZANELLO; FIUZA; COSTA, 2015).

Cruz (2009) Reconhece que o entendimento sobre a depressão e como afeta as mulheres se dá através da compreensão das relações de gênero. Dentro da comunidade científica procura-se explicar o sofrimento e adoecimento mental não apenas como pertencente a um único fator, mas sim com diversos fatores. O estudo do sofrimento mental é complexo pois é fundamental estudar os diversos contextos da vida humano como a cultura, a biologia, o social, o subjetivo e o período histórico. O gênero atravessa todos esses contextos a experiência de ser mulher e homem são diferentes e devem ser levadas em conta na compreensão do sofrimento e adoecimento mental.

As desigualdades de poder tem um peso significativo na saúde mental de mulheres, pois essas colocam as mulheres em um lugar abaixo dos homens, com papéis sociais voltados para

o cuidado do outro, ser mãe, doméstica e se manter bela para o outro, isso gera uma expectativa muito grande sobre as mulheres o que a faz sentir-se gradativamente mais incapaz além de colocar a mulher vulnerável a diversos tipos de violência (ALVES, 2017).

2.4 SOFRIMENTO PSÍQUICO DE GÊNERO

Segundo Zanello, Fiuza e Costa (2015), o sofrimento psíquico é uma experiência constituída socialmente e são moldados segundo os valores e normas de gênero, com desigualdades entre homens e mulheres que gera sofrimento psíquico. Santos (2009) concorda e completa afirmando que o sofrimento psíquico parecer ser algo individual, mal-estar subjetivo, porém está é uma experiência construída socialmente através dos valores e normas sociais, e o gênero está nessa construção, o sofrimento psíquico será configurado através das vivências de cada indivíduo como mulheres ou homens com padrões para cada um destes.

A resolução da pesquisa de Zanello, Fiuza e Costa (2015) indicam que a experiência do adoecimento é gerada colocando mulheres e homens de forma diferente, com sofrimentos diferentes e característico de seu gênero. Os valores determinados a gêneros que está engendrado culturalmente, são tomados para si pelo indivíduo como forma de julgamento e valoração. O discurso de homens e mulheres revela que os fatores que causam sofrimento psíquico têm origem nos estereótipos de gênero. A fala das mulheres sobre seus sofrimentos tem base nos estereótipos de gênero, marcada por relações com a maternidade, casamento, vida amorosa, padrões de beleza, o valor que as mulheres dão a si é feito pelo olhar do outro, esta permanece em um lugar de silêncio e obediência que domina a existência feminina.

Zanello (2019), ao estudar gênero é fundamental compreender como a cultura sustenta uma hierarquia que vulnerabiliza determinado grupo que pode gerar sintomas de sofrimento nesses. Para a perpetuar essa hierarquia é criado um processo dos afetos e das emoções, performances comportamentais de gênero que atravessa a vivência indivíduo.

Essa hierarquia cria estereótipos e estigmas de gênero definido por Goffman (2008) como uma referência a uma característica muito depreciativa, algo que o separa dos demais indivíduos classificando os mesmo em bons ou maus. O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso.

Zanello (2019), os comportamentos ditos masculino e feminino em que há um padrão distinto de ser, devem ser seguidos e são ensinados desde o nascimento, a experiência de gênero é destinada a cada indivíduo desde o momento que os olhos são abertos, fechando assim as

chances de escolhas e experiências, o distanciamento deste padrão mesmo que mínimo é fortemente reprimido socialmente, gerando discriminação e violência.

Para Cruz (2009), a análise do gênero auxilia a compreensão do fenômeno da doença mental, considerando as experiências particulares do sofrimento psíquico de cada sujeito, não esquecendo a condição em que este vive. Os ideais de gênero fazem parte da estruturação do sofrimento psíquico, a definição do que é ser mulher é um limitador da existência e da individualidade e promove o sofrimento. Seguindo esse pensamento é fundamental pensar em estratégias de intervenção em saúde mental que compreendam e analise as especificidades das diferenças de gênero e o sofrimento psíquico desencadeado por estes (ZANELLO; FIUZA; COSTA, 2015).

2.5 PSICOLOGIA FEMINISTA

Conforme Garcia (2011), a ciência tem a tarefa de construção de modelos que criam uma ordem dentro da sociedade, na sociedade ocidental, a ordem é feita à custa do diferente, e o diferente na cultura patriarcal é representada pelo feminino, a mulher é o outro do homem. Este pensamento foi usado como desculpa para excluir as mulheres das estruturas de poder. Como oposição a essa estrutura patriarcal opressora é que surge o feminismo. O feminismo ainda é um tema novo e pouco recorrente em pesquisas. Os temas que envolvem gênero são poucos e descredibilizados e na psicologia é colocado a neutralidade da ciência em jogo, como descrito por Nogueira (1999)

Na ciência o conhecimento era marcado por um ideal androcêntrico, ou seja, a padronização dos comportamentos, pensamentos e experiências era as associadas ao masculino assim assumindo o masculino como o único, esse termo é intimamente ligado ao patriarcado. Esse ideal começou a ser questionado e isso deu origem a uma nova perspectiva e abordagem da ciência, que busca analisar e compreender as relações entre mulheres e homens. Através que do ativismo acadêmico e político surge à psicologia feminista, e através do reconhecimento da inexistência das mulheres, e que estas e suas experiências e problemas deveriam ser integrados na prática, teoria e investigação científica (NEVES; NOGUEIRA, 2003).

Senkevics e Polidoro (2012) apresentam as concepções científicas de corpo, sexo e os papéis desenvolvidos deles, nunca estiveram livres dos juízos de valores pertencentes a cultura. Com a entrada dos movimentos sociais crescente na ciência entre esses o movimento feminista e LGTQIA+ que reivindicam uma postura científica que atenda e compreenda gênero e sexualidade, construindo assim uma sociedade mais justa e igualitária, e para isso é necessário

desconstruir a naturalização das hierarquias e desigualdades sociais, este é o compromisso fundamental da ciência (SENKEVICS; POLIDORO, 2012).

Diante do desconforto que as relações e papéis de gênero causam nas mulheres, estas buscaram na ciência as respostas criando assim a oportunidade de contestar esses papéis em diversas esferas das pesquisas acadêmicas, com o intuito de desconstruir as distinções entre homens e mulheres. Isso não é diferente para a psicologia, esta cunhou a palavra gênero como construção social (ZANELLO, 2018).

Segundo Garcia (2011), a perspectiva de “gênero” está em crescimento, presente em pesquisas e nos trabalhos científicos. Não é negado o enfoque em temas de “gênero” e sua importância, porém é comum que a palavra feminismo assuste e incomode nas pesquisas, e nas esferas públicas e privadas. Como se a palavra feminismo fosse perigosa, e para isso usar a palavra “gênero” é mais aceito. O motivo é que o feminismo ao longo da história foi tratado como um inimigo e que deve ser combatido, e isso contribui com a ideia de que o feminismo continue até a atualidade sendo uma palavra que assusta e ausente nas pesquisadas, nas organizações laborais e nas políticas públicas.

Na interpretação de Gomes (2011), os estudos de gênero que buscavam preencher o vazio e passaram a investigar as mulheres como sujeitos históricos, como objetivo de compreender a condição feminina, analisando a realidade e mentalidade das mulheres, as temáticas de sexualidade, amor, medo, corpo, cuidado, as relações público e privado ganharam destaque na análise do feminino, tornando assim as mulheres sujeitos sociais que fazem parte da história.

Segundo Prenh e Müning (2005), o feminismo surge como movimento de mulheres que lutam por direitos, e é também um fundamental campo teórico, muito fértil em suas problematizações. Na psicologia o impacto do feminismo tem sido muito significativo, provocando mudanças e revisões de metodologias e conceitos e levando a ciência a buscar novas formas de analisar e abordar os indivíduos e suas relações.

A psicologia sempre teve resistência à aceitação das críticas feministas, por ser uma ciência que busca a neutralidade e ser feminista é trabalhar em defesa do interesse de um grupo, assim a psicologia feminista seria a perda da neutralidade da ciência. O movimento feminista ao entrar na psicologia questionou suas afirmações que antes estava presa em um ideal positivista que possuía como concepção de sujeito a perspectiva como ser autônomo, racional e senhor da natureza e este é representado pelo homem branco e burguês. (NOGUEIRA, 1999). Prenh e Müning (2005), apresentam que a ciência positivista tem como ideal de racionalidade e objetividade a neutralidade que não considera a subjetividade e as lutas políticas como critério

científico. Ao assumir posição política essas pesquisas parecem ir contra a ciência e as psicoterapias. Porém perpetuar a ciência como apolítica acabam por colocar as práticas a serviço da dominação patriarcal. Em contrapartida na psicologia as feministas reconheceram o sexismo no desenvolvimento de pesquisas, reivindicaram uma expansão na pesquisa para incluir as experiências das mulheres e a urgência de estudar as consequências que a opressão sofrida pelas mulheres na estrutura patriarcal para o a experiência pessoal e social da mulher.

Neves e Nogueira (2003), as investigadoras feministas usam a pluralidade como principal método para defender e respeitar a subjetividade e especificidade de cada indivíduo, estas construídas no social. O legado feminista para a ciência é aliar a singularidade individual e as expressões culturais, e os contextos político e social. A aplicação de diversas metodologias para compreender os fenômenos sociais e psicológicos é um avanço e benefício para a ciência.

Ao advogar o princípio da emancipação feminina, totalmente adverso ao regime patriarcal, os/as psicólogos/ as feministas assumem a sua opção pela não neutralidade da ciência psicológica e das suas práticas e politizam os espaços terapêuticos onde se movimentam. Está tomada de posição é particularmente significativa nas situações de violência, uma vez que possibilita que as vítimas vejam validadas as suas experiências pessoais. (NEVES; NOGUEIRA, 2003, p.1)

Segundo Neves e Nogueira (2003), a psicologia feminista tem a intenção de compreender os efeitos da condição de gênero para a elaboração de conhecimento. A psicologia feminista crítica e se opõem a visão androcêntrica da psicologia tradicional, criando assim uma visão mais compreensiva e justa da mulher. Os autores declaram que os princípios que desafiam a neutralidade e a universalidade são adotados para a concepção das metodologias feministas e refletem na sua prática. Diferente da psicologia tradicional a psicologia feminista não usa a padronização sobre os fenômenos humanos, mas sim utiliza da visão da diversidade, com experiências distintas para cada indivíduo, analisando de uma forma mais subjetiva.

Anjos e Lima (2016), a entrada do feminismo na psicologia se tornou visível a impossibilidade de estudar o ser humano de uma forma neutra e assim assumir uma abordagem ativa socialmente e politicamente é fundamental, para incluir todos de forma completa. Toda atividade humana é política. Ao entender isso, é possível relacionar as práticas as realidades políticas em que está inserida a investigação. É necessário que ao desconstruir o padrão social opressivo desconstruindo também a ciência como apolítica, a identidade de neutralidade que a ciência possui muitas vezes acaba por negligenciar a diversidade das experiências humanas (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Narvaz e Koller (2006), A psicologia feminista é definida como um espaço estratégico entre o feminismo e a psicologia, construindo uma crítica à psicologia tradicional. A psicologia

feminista se iniciou em grupo em que mulheres que se reuniam e discutiam suas histórias e vivências possibilitou uma conscientização coletiva das expectativas e padrões destinados aos papéis de gênero geravam discriminação, injustiças e desigualdades para as mulheres, e assim divulgando a ideia feminista que a declaram que “o pessoal é político”.

A psicologia feminista é elaborada por um método de desconstrução e reconstrução das práticas terapêuticas, esse processo trouxe a psicologia a consciência de que esta foi omissa diante das estruturas de poder e problemas de gênero que fazem parte da construção social do indivíduo e que afeta este, em sua compreensão de si e dos outros (NEVES; NOGUEIRA, 2003).

A terapia feminista tem como principal efeito a emancipação de mulheres, as terapias tradicionais presam pela preservação de um ideal livre de valores e pensamento político, recorrendo a elaborações intrapsíquicos como explicação para as psicopatologias o que acaba reforçando os papéis de poder tradicionais. Porém as terapias feminista ressaltam a urgência de pensar e questionar as estruturas de valores e políticos, enxergando a psicopatologia como resultado das opressões sociais, ou seja, confortando os papéis e as normas de gênero e sexualidade (NEVES; NOGUEIRA, 2003).

Narvaz e Koller (2007), as terapias tradicionais definem-se como apolítica, compreendendo o sofrimento psíquico através dos construtos intrapsíquicos por outro lado a terapia feminista assume um compromisso político com a mudança, e estas focam nos fatores contextuais como as desigualdade e opressões sociais para compreender o sofrimento psíquico. As terapias tradicionais buscam um ajustamento e normatização dos papéis definidos e prescritos socialmente contribuindo para a conservação das estruturas de poder, as terapias feministas questionam esses papéis e as normas sociais valorizando a subjetividade, as experiências individuais e coletivas, dando voz a diversidade, buscando romper com essa estrutura de poder. Os pressupostos do feminismo aplicados a psicologia transformaram a visão da psicologia, abrindo a para analisar e discutir as desigualdades entre os sexos como um problema de saúde pública. (NEVES; NOGUEIRA, 2003).

Neves e Nogueira (2003), a despatologização da condição feminina presente na psicoterapia feminista pois esta substitui os fundamentos que justificam a psicopatologia pelos constructos intrapsíquicos que repetidamente coloca as mulheres em um lugar de culpa e responsabilidade pelo seu sofrimento, com o foco além de reduzir os sintomas recorrentes em mulheres, a abordagem feminista busca tornar as mulheres mais conscientes de suas performances sociais, desenvolvendo autonomia em mulheres.

Como explanado por Gomes (2011), ao usar gênero como instrumento analítico é básico usar a questão da diferença, lembrando que as categorias de gênero não possuem unicidade ou são fixas, há múltiplas possibilidades em ser mulher ou ser homem além da categoria de gênero como raça, classe, sexualidade e etnia.

Os objetivos feministas sempre foram a mudança social para as relações de poder, e essa mudança social acontece quando os grupos oprimidos seja por gênero, raça, sexualidade, etnia, classe e outros marcadores sociais, adquirem poder para legitima suas construções de realidade e nelas ser capaz de construir transformações (NEVES; NOGUEIRA, 2003).

Anjos e Lima (2016) consideram que a construção de conhecimento é uma luta política, reconhecer o contexto histórico, político é uma tarefa que deve ser compreendida na psicologia. Ir contra a esse padrão binário de gênero é lutar contra as desigualdade e violências que esse padrão gera, perceber que a psicologia não é neutra porquê as vivências não são neutras. E quando não se faz críticas a essas permitimos que pessoas sejam excluídas e discriminadas por serem minimamente contra as normas sociais a que é aprisionada a sua existência.

3 METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica, qualitativa sistemática, que busca compreender o gênero e as consequências da condição de gênero na saúde mental em mulheres, e a entrada da psicologia no estudo de gênero. A pesquisa bibliográfica é construída diante da investigação de materiais como livros e artigos científicos, esse é processo fundamental em vários tipos de pesquisa, mas a pesquisa bibliográfica é desenvolvida exclusivamente com fontes bibliográficas. A vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de esta permitir ao pesquisador uma ampla cobertura do fenômeno e estas são indispensáveis em estudos históricos (GIL, 2008).

Para Flick (2009) a pesquisa qualitativa é muito relevante para os estudos das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida. E essa diversificação das esferas de vida se deve a acelerada mudança social. Ainda completa que os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem a escolha de métodos e teorias adequadas, variedade de abordagens, reconhecimento e análise de diferentes perspectivas e na reflexão do pesquisador a respeito de sua pesquisa. Na pesquisa qualitativa as competências comunicativas constituem o principal instrumento para a análise de dados e de reconhecimento. Na pesquisa qualitativa se considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo e o indivíduo.

As metodologias qualitativas proporcionam avanços aos estudos de gênero fundamentais, pois esses estudos examinam os processos de construção e de diferenciação de gênero se suas desigualdades (FLICK, 2009).

Os critérios de inclusão foram as seguintes variáveis: artigos em português, textos completos com acesso eletrônico. Foram utilizadas publicações desde 1999, tendo em vista a dificuldade em achar referências dos últimos cinco anos que tratassem do assunto. A coleta de dados consistiu no acesso as ferramentas digitais de bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online) e livros. Foram considerados os termos de busca: sofrimento psíquico em mulheres, saúde mental feminina, feminismo e psicologia, psicologia feminista, a condição de gênero, desigualdades de gênero e o papel da psicologia nos estudos de gênero.

Através da leitura de 28 fontes entre eles livros, artigos científicos e trabalhos acadêmicos, em português que atendem aos critérios e objetivos delimitados para esta pesquisa de construção e elaboração do pensamento científico sobre a condição de gênero e seus efeitos na saúde mental feminina assim como uma alternativa para a psicologia compreender e pensar nessa condição e atuando de forma ética.

Na organização do material para a elaboração da pesquisa, ocorreu em etapas na primeira etapa as literaturas selecionadas passaram por uma leitura em que foram analisadas e as que não conseguirem contribuir como objetivo do estudo foram descartadas. As selecionadas foram lidas de forma mais profundas e analítica com a finalidade de buscar respostas e a discursão dessas respostas.

Este trabalho é uma revisão e não foi submetido a avaliação do comitê de ética e pesquisa, porém respeita os aspectos éticos da pesquisa científica bibliografia respeitando a autoria de todos os autores como prescrito na lei 9.610/98, através do uso das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), para construir essa pesquisa

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A COMPREENSÃO HISTÓRICA E SOCIAL DA CONDIÇÃO DE GÊNERO

Para Anjos e Lima (2016) a definição de gênero surge como um meio de desconstruir a ideia de que a biologia é o destino, compreendendo assim o gênero como uma interpretação cultural para o corpo sexuado, estes ainda completam afirmando que essa ideia é muito limitada por possuir apenas dois destinos deveriam existir diversas expressões assim como a diversidade humana. O gênero é um dispositivo construído pelas relações de poder sociais, tendo a intenção de condicionar o comportamento e emoções em um padrão binário. As autoras Fávero e

Maracci (2016) expressam a construção dos papéis de gênero definidos para delimitar e caracterizar as funções, deveres e os valores sociais para cada sexo, definindo-os como gênero feminino e masculino. As autoras ainda completam que os papéis de gênero podem ser formas de compreender a cultura em que o sujeito está inserido, pois como Santos et al (2016) denotam o gênero é um produto de representação social, com características psicológicas e comportamentais diferentes definidas para homens e mulheres.

Zanello, Fiuza e Costa (2015) explica o gênero como uma performance do sexo, esta acontece nas repetições de comportamentos e característica rígidas de gênero que vão se cristalizando criando a sensação de naturalização, essa performance é realizada como se essas características fossem naturais e estas não são naturais. Como Rohden et al (2009) explicam o comportamento binário ou masculino e feminino é padrão aprendido, um papel de gênero imposto socialmente, a cultura que ensina a performar gênero, desde o nascimento, e existe uma pressão e expectativa social de como deve se expressar gênero.

Butler (2018) explica que o torna-se mulher ou homem em uma sociedade binária é obrigar o corpo a conformar e performar com uma ideia histórica de mulher e homem. A autora acrescenta que não existe na sociedade alguém que não sofra a marca do gênero desde seu nascimento, não há ninguém que não seja gendrado.

Santos et al (2016) ao entender que o sexo não se reduz a uma essência anatômica natural e sim a dualidade dos sexos estabelecidas através do contexto histórico e cultural. Essas construções binárias se reproduzem pelo discurso da ciência com interesses políticos e sociais da cultura que media o padrão de gênero. Para Butler (2018) a divisão binária de gênero é performativa só existindo no momento em que é expressa, gênero não é uma essência de um determinado corpo e sim constituído pelas repetições da performance feminina ou masculina que é repetida a todo momento.

Butler (2018) define a estrutura binária a que todos são submetidos, e que constroem padrões definindo a vivência de gênero, dentro dessa construção é formulada também uma relação de poder entre os gêneros, a estrutura de gênero citada pela autora não se refere apenas a uma definição diante da diferença corporal, a construção de gênero se dá também nas possibilidades culturais. A estrutura de gênero para Zanello, Fiuza e Costa (2015) é construída a partir da investigação dos papéis e padrões de ser homem e ser mulher que fazem parte do funcionamento social. A experiência de gênero é definida pela cultura em que o sujeito está inserido. A condição de gênero é fundamental para compreender fatores para o sofrimento psíquico.

Em conclusão Beauvoir (2016) descreve que não existem fundamento biológico e psicológico que defina o ser mulher, essa definição é criada socialmente. Expressado bem em sua frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” O gênero para Zanello e Silva (2012) surge como uma categoria que descreve as interações sociais, se opondo a definição anterior que limitava gênero ao determinismo biológico ao mudar esses termos torna-se possível abrir a visão para gênero e sua condição e particularidades, e perceber os diversos sofrimentos existentes nas vivências de gênero. Os papéis e valores atribuídos aos gêneros são antes de tudo relação de poder.

Rohden et al (2009) concluem que o padrão de gênero é constituído por uma hierarquia que define quem e o que é inferior ou superior. E a figura feminina sempre ocupa um lugar inferior nessa relação de poder, as mulheres e até homens com comportamentos definidos como femininos são depreciados. Para Zanello e Silva (2012) Ao analisar a condição de gênero observa-se como afeta a vivência das experiências individuais e como influência no desenvolvimento de sofrimento psíquico pois a construção social e cultural de gênero define diferenças e valores sobre os sexos.

4.2 FATORES DA CONDIÇÃO DE GÊNERO QUE INFLUENCIAM A SAÚDE MENTAL FEMININA

O gênero é uma marca que atravessa diversas esferas da vida humana, e a saúde mental não é diferente, afetando homens e mulheres, porém quando se observa a condição de gênero das mulheres percebe-se uma realidade de desigualdades, opressão e inferioridade em que as mulheres ocupam o lugar abaixo dos homens, e uma das principais consequências dessa hierarquia é a violência de gênero, a violência contra a mulher é um exemplo da realidade cruel das mulheres. Santos et al (2016) reiteram que a marca de gênero afeta todos criando uma hierarquia de gênero em que a mulher está em uma posição inferior ao homem, essa inferioridade destinada as mulheres gera diversas opressões, com um sistema de poder que transforma a biologia em verdade absoluta e nessa verdade a mulher é o outro.

A experiência de ser homem e ser mulher é definido pelos valores culturais gerados na cultura e fazem parte da interpretação dos outros indivíduos e de si mesma, a vivência de gênero tem influência na esfera da saúde mental, as desigualdades originadas dessas relações de poder podem provocar sofrimento psíquico especialmente nas mulheres que tem a marca da inferioridade. Zanello, Fiuza e Costa (2015) completam ainda que a vivência de gênero parece ser algo extremamente individual, mas as experiências de mal-estares subjetivos são moldadas por uma configuração social. Este é também o posicionamento de Santos (2009) reconhece que

o sofrimento psíquico pode parecer algo individual, mas na verdade é uma condição coletiva, construída socialmente com valores e normas sociais e o gênero está nessa construção configurando o sofrimento diante da experiência de gênero com padrões binários.

Alves (2017) condiz que a marca do gênero feminino uma marca de opressão, a experiência de ser mulher é uma realidade de submissão e desigualdades, essas desigualdades estão fixas nas estruturas da sociedade patriarcal. E somente quando gênero é problematizado que essa realidade passa a ser observada e compreendida como sofrimento psíquico em mulheres na maioria das vezes tem origem em condições coletivas e públicas e não privadas. O ser e suas vivências sociais da experiência de ser mulher tem uma marca que atravessa sua saúde mental, com condições completamente desiguais e opressivas. Zanello, Fiuza e Costa (2015) as experiências de sofrimento psíquico são relações também sociais, quanto mais baixa a posição social e as desigualdades sociais mais aparecem os sintomas.

Para perpetuar a hierarquia de poder Zanello (2019) aponta que é criado um processo dos afetos e das emoções, performances comportamentais de gênero que atravessa a vivência indivíduo. Zanello, Fiuza e Costa (2015) mostram que o sofrimento psíquico em mulheres é marcado por falas relacionadas a problemas em relacionamentos, frustrações em casamento, maternidade, acreditar não ser amada, falta de satisfação com as tarefas domésticas, baixa autoestima devido a aparência distante do padrão e fragilidade emocional. Assim como outros marcadores além do gênero aparecem como fator para o sofrimento como raça, idade, classe, sexualidade, baixo nível de escolaridade e a submissão às situações de violência.

Goffman (2008) Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem. O estigma social das marcações do gênero são fatores significativos para o sofrimento psíquico as mulheres sofrem com a marca de gênero que as colocam em uma situação inferior e de vulnerabilidade. Tiburi (2018) contribui com afirmando que o patriarcado oprime a todos, mulheres e homens porem de nível e formas diferentes. Porem nas relações patriarcais de gênero que exerce o lugar de poder é o homem e esse é autor das desigualdades e violências contra as mulheres.

Santos (2009) afirma que os múltiplos papéis que as mulheres desempenham são significativos para as incidências de transtornos mentais e comportamentais, as mulheres são sufocadas pelos papéis de mãe, esposa, cuidadoras e educadoras, com sua função social totalmente relacionada a cuidar dos outros em que até as profissões vem com o rótulo de gênero. As mulheres também tem sua sexualidade reprimida e todas as suas escolhas relacionadas ao amor e a ser amada. A construção social e cultural feminina descrita por Beauvoir (2016)

caracteriza as mulheres através de características com a doçura, submissão, pudor, passividade, contenção e silêncio, condenando-a a uma vida de invisibilidade e objetificação.

A autora Fernandes (2009) declara que ao conceituar o corpo como o todo que define os valores, as características e expectativas de uma mulher é uma ação violenta pois é nesse conceito que se constroem as estruturas de poder definindo a inferioridade ou superioridade de gênero e dando origem as diversas formas de violência. Zanello, Fiuza e Costa (2015) concluem para ser mulher, as mulheres devem se prender ao desejo do outro, uma vida presa no silêncio, na impotência e invisibilidade.

Concordando Cruz (2009) afirma que as relações de gênero como um fator significativo para o sofrimento psíquico e ainda adiciona a depressão como exemplo de adoecimento de gênero em que as mulheres são associadas a depressão com os critérios diagnósticos próximos dos estereótipos femininos e distante dos masculinos formando assim uma associação. A autora ainda afirma que os estudos de gênero são fundamentais para o entendimento do sofrimento psíquico a condição de gênero é muito influente em como cada indivíduo vai sentir e as condições que o rodeia fazendo desse um fator significativo para o surgimento do sofrimento. Anjos e Lima (2016), apenas ao estudar e questionar as relações de gênero é que se torna possível abrir o caminho para enxergar as mulheres como seres sociais e assim desconstruir as hierarquias que colocam essas em uma condição de vulnerabilidade.

4.3 O PAPEL DA PSICOLOGIA DIANTE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E A PSICOLOGIA FEMINISTA

Diante de todos os tópicos anteriores percebe-se a urgência de compreender a condição de gênero na ciência em especial uma ciência como a psicologia que busca compreender o ser humano nos seus diversos aspectos sociais, biológico, psicológico e histórico.

Santos et al (2016) declaram que a psicologia diante das estruturas de gênero tem o papel de compreender e analisar as condições e consequências desses. Diante dessa situação as mulheres ocuparam a ciência tendo como propósito compreender a si mesmas e a condição a qual são destinadas por ser mulher. Gomes (2011) concorda e acrescenta que os estudos sobre as mulheres ainda não são bem aceitos pela ciência com a afirmação de que fogem da imparcialidade que é muito desejada pela ciência, e coube as mulheres estudar seu próprio sexo e condição.

Fávero e Maracci (2016) concorda e acrescenta que por muito tempo o homem era o dono da razão e o modelo da ciência com representante da raça humana e a mulher estavam condenadas a ser o outro, aquele que não é perfeito. Garcia (2011) as mulheres são consideradas

o diferente o outro e são inferiorizadas por isso, com suas lutas o feminismo não é diferente sempre consideradas como antinaturais. Por esse motivo quando o tema gênero vem surge muitas vezes é esquecido o feminismo sendo este um movimento fundamental para a construção dos estudos de gênero. Nogueira (1999) ainda completa que gênero e feminismo são temas muito descredibilizado na comunidade científica e isso não é diferente com a psicologia, com a afirmação de que esses temas tiram a neutralidade pois ao advogar a favor de um determinado grupo essa não seria mais imparcial, e a ciência acaba muitas vezes por inviabilizar vivências diferentes do padrão.

Santos et al (2016) As pesquisas e produções feministas tem uma característica crítica e um objetivo emancipatório buscando libertar as mulheres das opressões presentes na sociedade patriarcal. A autora Santos (2009) determina que para estudar saúde mental e gênero é necessário considerar os fatos sociais que engendram os transtornos mentais fazendo com que a experiência de sofrimento psíquico seja diferente para homens e mulheres.

Para a psicologia conforme Prehn e Hüning (2005) é necessário pensar as construções políticas e culturais da subjetividade pois a subjetividade é um ponto fundamental para a psicologia, compreender o indivíduo além de seus sintomas e queixas, buscando entender o que no contexto social e cultural tem efeito sobre sua individualidade e sua construção social. Senkevics e Polidoro (2012) concluem que ao entrar na ciência o movimento feminista reivindica uma postura cientista que atenda e busque entender as condições de gênero para assim desconstruir as desigualdades e construir uma realidade mais igualitária para as mulheres, e segundo os autores é esse o principal papel da ciência.

A autora Zanello (2018) concorda e completa afirmando que psicologia feminista fornece as mulheres as possibilidades para enfrentar o padrão social questionando seus papéis e as desigualdades que lhe oprimem. Nogueira (1999) afirma que os estudos com objetivos feministas na psicologia são diferentes dos estudos tradicionais, por questionarem todos os pensamentos anteriores sobre gênero buscando desconstruir a condição de gênero em que estão presentes, realizando uma crítica social e política, propondo uma mudança da realidade desigual gerada pelas relações de gênero.

Nogueira (1999) descreve que ao estudar as consequências de ser mulher em uma sociedade patriarcal observa-se que a ciência feminista é necessária, esse olhar crítico e político é fundamental para construir uma ciência justa que atenda às necessidades sociais. Para Gomes (2011) ao estudar gênero é preenchido um vazio, passando a da voz às experiências antes silenciadas como a feminina que em seu contexto histórico e social são invisíveis e diferentes. Prehn e Müning (2005) delimitam que a psicologia feminista não é uma abordagem psicológica,

mas sim uma prática psicológica politizada e crítica de uma sociedade desigual que oprime e excluem as mulheres. Essa prática compreende o ser humano sem uma verdade absoluta sobre esse, e sim analisando esse ser com sua construção social, política, histórica, cultural e subjetiva, entendendo que estas não estão separadas e que são diversas.

Narvaz e Koller (2006) classificam a psicologia feminista como uma estratégia entre o feminismo e a psicologia que constrói uma crítica a psicologia tradicional. Neves e Nogueira (2003) afirmam que como profissionais de psicologia é fundamental utilizar a ciência e profissão com o propósito de buscar a emancipação feminina, lutando contra o patriarcado e as opressões impostas por esse sistema. Isso significa escolher a não neutralidade da psicologia, politizando as práticas e espaços terapêuticos.

Anjos e Lima (2016) alegam que a psicologia deve ir contra o padrão binário de gênero que geram desigualdades e violências, construindo assim uma psicologia política e não neutra, já que as realidades não são neutras, não se pode permanecer fixo em um padrão que já não representa a realidade. Garcia (2011) declara que a ciência faz parte da política, a ciência é um campo significativo para os movimentos sociais, quando questões sociais como desigualdades e violências entram na perspectiva da ciência está assumem um papel social importante em defesa da igualdade, liberdade e direitos humanos.

Os objetivos da psicologia feminista para Neves e Nogueira (2003) é a mudança social, rompendo com as hierarquias de gênero dando voz aos oprimidos e legitimando as construções de realidade individual e dentro delas fazer transformações. Beauvoir (2016) através da afirmação “a mulher livre está apenas nascendo” isso significa que por mais que as mulheres já tenham alcançado muitos lugares através de suas lutas, reivindicaram direitos. Porém a liberdade de fato está apenas nascendo, ainda existem muitas lutas a travar para poder dizer que as mulheres possuem a liberdade, e que vivem uma realidade sem opressões, desigualdades e violências. Porém as pesquisas e estudos feministas são um caminho para essa liberdade da marcação de gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da perspectiva dos estudos de gênero a condição de gênero é uma marca muito influente na construção humana, construção social e subjetiva. Compreender gênero é fundamental para entender a experiência do sujeito, as vivências de homens e mulheres que são distintas com símbolos e significados diferentes. A construção de gênero cria uma hierarquia de poder social em que homens são superiores as mulheres gerando uma realidade de

desigualdades em que a mulher é excluída, oprimida e está vulnerável a diversas situações de violências.

Dentro desse contexto essa pesquisa procurou dar voz a uma realidade que frequentemente é excluída a condição de gênero feminina. Esta pesquisadora teve a honra de apresentar uma pesquisa dentro do tema, com um posicionamento político e social feminista construir essa pesquisa e perceber que o movimento e as teorias feministas fazem parte da construção de uma ciência justa. Esta se sentiu feliz e satisfeita com a oportunidade de desenvolver um tema que para muitos pode parecer desnecessário, mas através da pesquisa é possível perceber a relevância do tema, e este deveria ser mais presente na academia e nos campos profissionais já que é algo que não tem como fugir a marca do gênero acompanha cada indivíduo e tem grande influência sobre a sua vida.

Diante dessa situação não é incomum que surjam sofrimentos psíquicos nessas mulheres devido as situações que fazem parte da realidade feminina. E a pergunta que ficou é onde está a psicologia diante dessa realidade de desigualdades. A psicologia por muito tempo escolheu ficar neutra diante da condição de gênero permitindo que as desigualdades continuassem, e como crítica a essa posição e como nova visão para desconstruir o patriarcado surge a psicologia feminista que possui um papel social fundamental que é a desconstrução da desigualdade e violência, construindo uma ciência inclusiva que procura romper com as desigualdades sociais e seus efeitos na saúde mental, considerando em especial a condição feminina que por muito tempo foi excluída da ciência e se encontra em uma realidade mais vulnerável com constante violação de seus direitos, e como princípio fundamental presente no código de ética a atuação psicológica é embasada na declaração universal dos direitos humanos ou seja a psicologia se opõe a qualquer violação de direitos, com responsabilidade social de criticar a realidade histórica, social e cultural.

Um tema que possui uma certa dificuldade pela falta de conteúdo e pelos estereótipos que esse tema carrega. O tema gênero é tão escasso que por muitos é considerado novo e atual, e sim é novo, é atual e é autêntico, porém este tem um caminho longo na ciência está a décadas dentro das pesquisas, academias e atuações profissionais de forma discreta, mas está presente. A crítica feminista está na ciência desde a década de 70, através das questões levantada pelas mulheres e o desejo de se compreenderem e mudar a realidade destinadas a elas, as mulheres ocuparam a ciência em diversas áreas humanas, sociais e mais recente as áreas da saúde.

Essa é uma pesquisa curta com poucas referências limitada a produções em português e como sugestões para mudanças e melhorias para esta pesquisa uma maior profundidade teórica sobre o tema, assim como uma delimitação maior podendo assim trazer a diversidade das

realidades femininas diversas. A relevância da temática deste trabalho é reforçada pela potência de mudança e transformação social que a entrada do feminismo na psicologia possui sendo uma crítica a estrutura patriarcal opressiva presente na cultura ocidental como a brasileira.

Por fim considera-se que a condição de gênero é um fator significativo na experiência humana, a experiência de sofrimento psíquico não é diferente esse sofrimento pode ter origem na condição de gênero em especial as mulheres que ocupam um lugar de inferioridade na hierarquia de gênero, esse tema não se encerra aqui dessa forma se faz necessário que novas pesquisas sejam realizadas e que este trabalho possa ser um ponto de partida para novas descobertas.

REFERÊNCIAS

- [1] ALVES, Tahiana Meneses. Gênero e saúde mental: algumas interfaces. Working Papers série 2, nº 3; CiCS. Nova – Universidade do Minho, 2017. Disponível Acesso em 23 out 2020.
- [2] ANJOS, Karen Priscila Lima; LIMA, Maria Lúcia Chaves. Gênero, sexualidade e subjetividade: Algumas questões incômodas para a psicologia. 2016. Revista Psicologia em Pesquisa, UFJF. Volume 10, Número 2, p.49-56. 2016. Disponível Acesso em 12 set 2020
- [3] BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos - a experiência vivida, 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016. volume 1 e 2.
- [4] BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. 16 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, Brasil. 2018.
- [5] CRUZ, Patrícia Maria Ferreira Amaral da. A depressão no feminino: O gênero e a doença como laboratório de laços sociais. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, RepositórioUM. Disponível Acesso em 30 set 2020
- [6] FÁVERO, Maria Helena; MARACCI, Inara Linn. A interlocução de narrativas: um estudo sobre papéis de gênero. Revista Psicologia teoria e pesquisa. UNB, v.32, n.2, p. 1-9. 2016. Disponível Acesso em 15 out 2020
- [7] FERNANDES, Maria as Graças Melo; O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. Physis: Revista em saúde coletiva. UERJ, v.19, n.4, p. 1051-1065. 2009.
- [8] FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- [9] GARCIA, Carla Cristina. Breve história do feminismo. São Paulo- Editora Claridade. 2011.
- [10] Gil, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. – 6 ed. São Paulo: - Atlas, 2008
- [11] GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. – 4 edição, Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- [12] GOMES, Gisele Ambrósio. História, mulher e gênero. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2011. a.
- [13] NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Feminismo e terapia: a terapia feminista da família – por uma psicologia comprometida. Revista Psicologia Clínica, Puc-Rio, v. 19, n.2, p. 117-131, Rio de Janeiro, 2007.
- [14] NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. Revista Psicologia em Estudo, UEM, v.11, n.3, p. 647-658. Maringá, 2006.
- [15] NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: a (re)construção dos espaços terapêuticos. Revista Psicologia e Sociedade, v.15, n.2, p.43-64. 2003.
- [16] NOGUEIRA, Coceição. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. 1999. Disponível < <http://hdl.handle.net/1822/4117>> Acesso em 12 set 2020.

- [19] PREHN, Denise Rodrigues; HÜNING, Simone M. O Movimento feminista e a psicologia. Revista Psicologia Argumento, volume 23, número 42, p. 65-71. Curitiba – PR 2005.
- [20] ROHDEN, Fabíola; BARRETO, Andreia; ARAÚJO, Leila; PADILHA, Heloisa; COUTINHO, Laura. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnicos-raciais. livro conteúdo. versão 2009, rio de janeiro, CEPESC, Brasília, SPM, 2009.
- [22] SANTOS, Anna Maria Corbi Caldas dos. Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos silenciados. Revista Ciência e saúde coletiva, volume 14 número 4,p. 1177-1182. 2009.
- [23] SANTOS, Luana Carola dos; CARVALHO, Ana Berlado; AMARAL, Julião Gonçalves; BORGES, Larissa Amorim; MAYORGA, Claudia. Gênero, feminismo e psicologia social no brasil. análise da revista psicologia e sociedade (1996-2010). Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais – BR. 2016.
- [24] SENKEVICS, Adriano Souza; POLIDORO, Juliano Zequini. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. Revista da biologia, volume 9, número 1, p. 16-21. 2012.Disponível Acesso em 02 nov 2020
- [26] TIBURI, Marcia. Feminismo em comum para todas, todes e todos. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos tempos.– BR. 2018.
- [27] ZANELLO, Valeska. Saúde Mental e gênero. In: Mundos de mulheres no brasil. VEIGA, Ana Maria; NICHNIG, Claudia Regina; WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair. Editora CRV Curitiba – Brasil 2019.
- [28] ZANELLO, Valeska. Saúde mental gênero e dispositivos: cultura e processo de subjetivação. 1 ed. Curitiba: Editora Aprris 2018.
- [29] ZANELLO, Valeska; FIUZA, H. Gabriela; COSTA, Humberto Soares. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. Revista de Psicologia, vol.27 no.3 p. 238-246, 2015. Disponível< <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1483>> Acesso em 21 out 2020
- [30] ZANELLO, Valeska; SILVA, René Marc Costa da. Saúde mental, gênero e violência estrutural. Revista Bioética, v.20, n.2, p.267-279. 2012.